

Carta pastoral de
Monsenhor Bernard Genoud,
Bispo da diocese de Lausanne,
Genève e Fribourg

Convertamo-nos!

3º Domingo da Quaresma C
6 – 7 Março 2010

CONVERTAMO-NOS

Caros irmãos e irmãs,
diocesanas e diocesanos a caminho da Páscoa,

Que estranha actualidade nos textos que acabámos de ler... O medo de Moisés face a Deus que, no bosque ardente lhe pede, como a nós, uma conversão. E que conversão: a 180°! Ele deve partir em sentido oposto: converter-se, justamente, e por ordem de Deus voltar ao Egipto, de onde havia fugido como um criminoso, conhecido por ter assassinado um cobrador de taxas egípcio que maltratava um hebreu. Ele pode ser preso desde a sua chegada; contudo, por solidariedade, preocupado em servir a Deus e ao seu povo, ele vai, não sem tentar por diversas vezes evitar esta missão delicada, escapar à sua vocação.

Mas, sem sombra de dúvida, somos ainda mais atingidos pelo Evangelho deste dia! Nele, Jesus faz alusão a dois dramas que chocaram os seus contemporâneos: o massacre de autênticos crentes por Pilatos e a queda da torre de Siloé; Ele lança um

apelo à conversão, e conta-nos a parábola da figueira para ilustrar a eficácia da oração. Depois da resposta de Jesus face a estas tragédias, adivinhamos a questão que invade os seus discípulos: ela deve ser semelhante àquela que nós formulamos frequentemente em ocasiões parecidas: «Mas o que é que eu fiz a Deus para que isto me aconteça?».

É a eterna questão da origem do sofrimento e do mal! E penso que, como eu, vós estabelecesteis talvez a comparação com a derrocada das torres gémeas de Nova York, ou com o horror do tsunami no final de 2004 no sul da Ásia, que fez mais de 170 000 mortos! E o que dizer do medonho terramoto no Haiti, com as suas 217 000 vítimas actualmente já confirmadas?!

É claro que ninguém se sente directamente responsável por estas catástrofes, embora por tantas outras misérias: económicas, sociais e humanas que vivemos nestes tempos de crise, nós sabemos muito bem que é o egoísmo e a recusa da partilha por parte de uns que são a causa da miséria de outros. No caso do tsunami ou do drama do Haiti, e isto constitui uma novidade, é talvez este raro sentimento de inocência que faz a união dos homens e provoca esta formidável onda de generosidade manifestada pelo nosso país e por toda a comunidade internacional! Estaremos, enfim, em vias de tomar consciência da

dimensão planetária da fraternidade humana! Pouco a pouco vem ao de cima o sentimento de que o bem comum tem que ser para todos, ou então não será para ninguém.

É óbvio que isto não deve fazer-nos esquecer aqueles que, perto de nós e devido a outras circunstâncias, se encontram em situação de sofrimento e de angústia... Não há lugar para escolhas entre duas generosidades, uma para aqui e outra para lá! As duas são indissociáveis, ou então cada uma delas seria hipócrita, não servindo que de mero pretexto para nos exonerar dos outros! É por isso que o tema do nosso próximo Fórum diocesano, para o qual estais todos convidados, tratará do serviço, da diaconia: *A Caridade na Verdade!*

Com efeito, há pior que o mal físico: é o mal moral, o mal da má vontade, a maldade, o mal livremente consentido, o mal da violência, do ódio, da guerra, do egoísmo humano que recusa a partilha e semeia a morte! É aí que nós vamos correr o maravilhoso risco da conversão do nosso coração: aí, pelo menos, cada um pode qualquer coisa! Todos e cada um faremos, hoje mesmo, no íntimo da nossa consciência, o voto incondicional de altruísmo, de uma «bem-querença», que dará forçosamente os seus frutos de benevolência!

Sim, para além das mais altas respostas humanas ao problema do mal e do sofrimento, há ainda e sobretudo aquela da fé, em que a razão, sem perder a face, pode admitir a sua impotência e que, com confiança, ousa como Jó e os Salmos interrogar os céus: *«Senhor, eu não compreendo, eu continuo a sofrer, mas tenho confiança em ti!»*. Então, e só então, o sofrimento não é eliminado mas iluminado porque lhe é arrancado o dardo do escândalo, e o veneno da revolta é como que exorcizado. E aí a resposta de Deus não pode ser outra senão esta: *«Pela minha honra de Deus, prometo-te que não tolerarei jamais tais armadilhas na minha obra!... Assumi o teu grito como sendo uma harmónica do meu quando vociferei a minha morte humana sobre a cruz, mas a tua vitória também já estava contida na minha quando ressuscitei do túmulo»*.

Nesse momento, através de uma fé sólidamente marcada, e este é mais um dom de Deus, nesse momento o «problema do mal» metamorfoseia-se em «mistério do mal», e a noite torna-se menos cerrada, ao luar da estrela da esperança.

É por isso que todos os textos de hoje são apelos à conversão do coração, ao regresso do nosso coração a Deus, no serviço, na diaconia dos nossos irmãos e irmãs, e é neste sentido que nós preparamos o nosso

Fórum diocesano de 29 de Maio em Neuchâtel: procuraremos novos meios para melhor servir os nossos irmãos e irmãs, ou reforçaremos o que maravilhosamente existe já: visitas aos doentes ou pessoas isoladas, serviços caritativos de múltiplas expressões, e, sem dúvida, encontraremos outras novas! Nós precisamos das vossas idéias para conduzir esta reflexão concreta sobre este tema do serviço, que não está reservado aos padres, às religiosas, ou àqueles que estão oficialmente ao serviço da Igreja, mas que é um dever de todo o cristão que pretende ter o direito de exhibir este belo adjectivo.

«Convertei-vos, convertei-vos!». É pena que este apelo de todos os grandes profetas de Israel, de João Baptista, e hoje em particular do próprio Jesus, tenha perdido todo o seu peso e a sua urgência: fazemos variantes de inglês ou de alemão na escola, convertemos hectolitros em centilitros, fazemos «conversões» no ski. Fala-se mesmo de «reconversão de empresa», e até nos nossos computadores existem «programas de conversão»! *Mas nós não nos convertemos!*

Sim, meus caros amigos, nunca como nestes tempos difíceis tivémos tanta necessidade de Jesus e da Igreja que continua o seu apelo à conversão; e hoje, caros irmãos e irmãs, o Senhor pede-nos que sejamos as testemunhas, os anunciadores, os mensageiros,

os diáconos, os servos desta conversão. Porque «converter-se» significa «voltar-se». Voltar-se para onde, ou melhor, para quem? Nem mais nem menos que para o próprio Deus e para os nossos irmãos e irmãs para sermos os servos, transmitindo-lhes a mensagem da paciência e do amor do Deus de todas as Misericórdias manifestadas pela parábola da figueira, a quem o Mestre volta a conceder uma chance graças à intercessão do jardineiro! Cabe a todos nós, agora, ser aqueles que oram eficazmente, como tantas vezes o foi Moisés para o seu povo! Como? Por exemplo remoendo o salmo deste dia e vivendo-o! A diaconia ou o serviço de Deus e dos nossos irmãos e irmãs é também isso: oração, adoração, confiança e louvor:

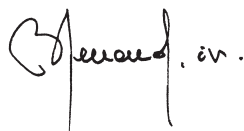
«¹ Bendiz, ó minha alma, o SENHOR,
e todo o meu ser louve o seu santo nome.

² Bendiz, ó minha alma, o Senhor, e não esqueças
nenhum dos seus benefícios.

⁸ O SENHOR é misericordioso e compassivo;
é paciente e cheio de amor.» (Sl 102)

Caras diocesanas e diocesanos:
bela escalada a caminho da Páscoa!

O vosso bispo



✠ Bernard Genoud
Bispo de Lausanne,
Genève e Fribourg

Tradução para português: José Martinho, Lausanne

